

Apresentação da obra *Borja da Costa – selecção de poemas*

Lúcia Vidal Soares

30/11/2009

Ex.^a Senhora Embaixadora de Timor-Leste, Dr.^a Natália Carrascalão, Ex.^o Senhor Embaixador da CPLP, dr. José Barreto, Ex.^{os} membros da mesa, amigos timorenses, minhas senhoras e meus senhores, tal como no mote da redondilha de Camões:

Descalça vai para a fonte

Leonor, pela verdura;

vai fermosa e não segura.

também eu aqui “vou”, mas nem *fermosa* nem *segura*, dado que os meus domínios são outros. O causador deste embaraço é o Dr. Luís Costa. Foi ele que com mil rodeios e em nome de uma sólida e sincera Amizade me convenceu a fazer a apresentação desta obra: *Borja da Costa – selecção de poemas*, que ele próprio, com infinita ternura e amor fraterno, compilou e prefaciou.

Borja da Costa não é um nome desconhecido nem do público timorense, nem mesmo do português que tem acompanhado Timor-Leste, nos últimos 30/40 anos, sendo o autor do texto do hino nacional deste país. Recordo que, quando nos preparámos para organizar a 1^o Acção de Reciclagem a Professores Timorenses, no início de 2000, foi exactamente na Fundação que tem o seu nome, onde encontrámos uma edição de lendas de Timor Leste, temática de que muito carecíamos.

Borja da Costa, além de filho de *liurai* e irmão de Luís Costa, grande difusor da Língua Tétum e da Cultura timorense, teve na sua curta vida de 29 anos dois sinais, que, direi, premonitórios: foi baptizado pelo padre Jorge Barros Duarte, que também nos legou obra relevante sobre Timor-Leste e morreu mercê do “*vento que sopra do mar*”, não às mãos dos portugueses, como ele alertava os seus concidadãos, mas dos indonésios.

A sua poesia encontra-se em estreita ligação com as formas poéticas tradicionais timorenses, normalmente acompanhadas por música, música essa que, ao desenvolver-se numa escala pentatónica revela influências chinesas.

Borja da Costa foi ideologicamente muitíssimo influenciado pelas teorias Comunistas (marxistas e maoistas) e, literariamente, por Pablo Neruda que ele muito admirava.

Como acontece com muitos outros autores da denominada Literatura de Expressão Portuguesa, manifesta veementemente o seu desejo independentista, o amor ao seu povo, à sua cultura e tem consciência da injustiça social a que os timorenses estavam sujeitos (pobreza, fome, iliteracia, humilhação, abuso, falta de liberdade, etc.).

A sua poesia conjuga, no aspecto formal, um enorme entrosamento com as formas poéticas tradicionais timorenses pela utilização de: paralelismo (1; 2), refrão (6), jogos de palavras(3), gradação (6), metáforas, anáforas e com aspectos culturais timorenses, como seja: a associação da poesia à música e à dança e a situações de interacção social, formal e informal, tais como as cerimónias fúnebres (*sidon*), como síntese ou conclusão de uma alocução feita pelo *liana'in*, como forma de interacção entre *liana'in*, “em casa nas noites chuvosas ou de insónia”, como refere Luís Costa numa obra a publicar brevemente, ou ainda em situações laborais em que homens e mulheres cantam à desgarrada, enquanto tratam do milho ou do arroz.

No poema 3: *O rasto da tua passagem*, podemos ler: *Silenciaste minha razão/na razão das tuas leis/sufocaste minha cultura/na cultura da tua cultura* → Eu/Outro

No poema *Kole lele mai* (5), uma espécie de cantiga à desgarrada, associada ao *dahur*, tipo de dança mais suave do que o *tebe*, em que o público utiliza frequentemente o refrão para responder ao *liana'in* (orador oficial de um grupo/aldeia). Este serve-se frequentemente das formas poéticas (cantigas) como elo de ligação entre as pessoas e a sua cultura e Borja da Costa segue-lhe o exemplo. Tal como na poesia timorense, também neste autor a rima não é tão importante como o conteúdo.

No que se refere a este aspecto, encontramos uma ligação intrínseca entre o timorense e a Natureza, os elementos da Natureza, sobretudo com o elemento Terra (montes, vales, pedras, ervas, canas, bambus, palmeiras, *ai-rus*, *etcc.*), ainda que, no poemas 6 e 9, apareça o elemento Água (fontes/regatos/ribeiras e ondas do mar.), porque a Terra, na cultura timorense é Vida (floresce), enquanto a Água é Morte porque destrói, arrasa, mata. É uma relação de proximidade que o timorense estabelece com o *lulik*, que se encontra na casa, na pedra, na árvore, no monte sagrado....

Quer o retrato do povo timorense, quer o do colonizador vão sendo construídos ao longo da sua obra poética, a partir do encontro entre o Eu (Timorense) e o Outro (colonizador) Relativamente à do colonizador pouco me deterei porque ele é sempre aquele que oprime, retira a liberdade, martiriza e, por isso, o léxico empregue é mais brutal, é muito forte: (poema 3: *O rasto da tua passagem*): *Torturaste meu corpo/nos grillhões do teu*

império. Saqueaste/ assassinaste/massacraste/pilhaste// minha terra, minha gente/banhada em sangue/escorraçada, exangue, mas há ainda 2 versos neste poema, que gostaria de assinalar:

Barbaramente civilizaste na demagogia da tua grei/brutalmente colonizaste na ambição da tua grandeza

A civilização, que em princípio se oporia à barbárie, pode afinal ser ela própria bárbara?! Sim, *pela ambição de grandeza*.

No que respeita ao Povo timorense a sua caracterização gira em torno de duas palavras chave: Escravo e Pobre

Porque é que o timorense há-de curvar a cabeça para sempre? Poema 1
(ambiguidade)

Porque é que o timorense há-de ser escravo para sempre?
(fatalidade)

É PRECISO GRITAR BEM ALTO Poema 2
QUE O POVO DE TIMOR
QUE O POVO MAUBERE¹
NÃO PODE SER ESCRAVO
DE MAIS NINGUÉM (a representação gráfica expressa o grito)

Somos filhos pobres, de gente pobre Poema 4
Todos somos pobres, de gente pobre.(...)
Porquê, por quem, por causa de quê? (Fatalismo)
Porquê, por quem, por causa de quem?
Porque nos vendaram os olhos, fecharam o espírito,
Porque obstruíram o caminho, cancelaram o caminho (Liberdade)

E não fica imune às representações do outro sobre o Timorense:

Uns dizem que és preguiçoso, outros que és estúpido Poema 5
Uns dizem que és preguiçoso, outros que és pobre

¹ Maubere, termo que os portugueses e os assimilados usavam para designar o povo pobre, analfabeto e com carências alimentares, que a FRETILIN adoptou, mas hoje caído em desuso.

Mas *Mesmo na noite mais triste, em tempo de servidão*, como escreveu Manuel Alegre, há que ter Coragem, há que ter Força, há que ter Esperança e é por isso que, no poema 1, apela: *Acorda toma conta do destino, oh!*

Acorda, governemos nós próprios a nossa terra oh!

E no poema 4, ao interpelar os seus concidadãos diz: *Irmãos, irmãos, escutai/oh! Ouvi, irmãos, oh!*

Para pensar livremente e olhar em frente

Temos que ver, temos que querer.

Para querer, temos que saber

Saber por que estamos assim.

Apontando-lhes o caminho da salvação: SABER (Conhecimento)

Há também que se Unir: *Assim os timorenses devem juntar-se/ Unir-se para se oporem ao vento que sopra do mar.*(poema 6), tal como

Regatos convergindo transformaram-se em ribeira-mãe

Timorenses, unidos, ergamos a nossa Terra.

Borja da Costa traz para a Poesia as problemáticas do quotidiano e é assim que em *Ela vencerá* nos deparamos com a dolorosa questão do estatuto do mulher, usada e abusada ou em *O Grito do soldado maubere* temos o registo de páginas da história Timor-Leste. Mesmo tendo frequentado o curso de professor catequista, não deixa de acusar:

subjugaste minha alma/ na fé da tua religião (poema 3)

Finalmente, assinalarei o apelo em *Um minuto de silêncio* (poema 9), para com *os que perderam a vida*

PELA PÁTRIA

PELA NAÇÃO

PELO POVO

PELA NOSSA

LIBERTAÇÃO

para que fosse possível ter:

Pátria, pátria!

Timor-Leste, nossa Nação,

Glória ao povo e aos heróis

Da nossa Libertação.(poema 11)

Para concluir gostaria de evidenciar o contributo da Secretaria de Estado da Cultura da República de Timor Leste e da editora Lidel pelo facto de ter publicado esta obra, atrever-me-ia a dizer, estas obras. Todos nós integramos um espaço, o da CPLP, todos nós somos *co-proprietários* da Língua Portuguesa, mas conhecemo-nos pouco e mal. O ter acesso a obras de vários países parceiros é motivo para reforçarmos os laços que nos unem, para nos conhecermos melhor, porque só a União faz a Força, como tantas vezes “cantou” Borja da Costa.